



# miguilim

revista eletrônica do netli

volume 11, número 3, set.-dez. 2022

## HOMOSSEXUALIDADE EM HERBERT DANIEL: UMA LEITURA DE *JACARÉS E LOBISOMENS*



## HOMOSEXUALITY IN HEBERT DANIEL: A READING OF *JACARÉS E LOBISOMENS*

José Veranildo Lopes da COSTA JUNIOR  
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Reinaldo Luiz da SILVA JUNIOR  
Universidade Federal de Campina Grande, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 20/06/2022 • APROVADO EM 25/01/2023  
DOI: <https://doi.org/10.47295/mgren.v11i3.298>

---

### Resumo

---

No Brasil, a década dos anos 1980 caracteriza-se por uma efervescência político-cultural, a partir de eventos importantes, tais como o fim da ditadura cívico-militar, a redemocratização do Estado brasileiro e a epidemia de AIDS. Nessa conjuntura social, Leila Míccoles e Herbert Daniel publicam em coautoria um texto intitulado *Jacarés e Lobisomens*: um ensaio sobre a homossexualidade (1983), o qual debate, como bem sugere o subtítulo, questões de gênero e sexualidade. Neste artigo, interessa-nos apresentar um exame analítico do primeiro ensaio da obra citada, com o objetivo de problematizar sobre de que modo Herbert Daniel debate a homossexualidade em tempos de autoritarismo, preconceito e estigmas sociais diante da AIDS. Como resultado, notamos que Herbert Daniel traz um conjunto de reflexões que partem da sua própria vivência como

homossexual. Além disso, o romancista não busca teorizar – ou se apresentar como um teórico – a homossexualidade, uma vez que abandona discursos científicos e epistemológicos, dando maior importância as suas vivências e reflexões pessoais.

---

## Abstract

---

In Brazil, the decade of the 1980s is characterized by a political-cultural effervescence, starting from important events, such as the end of the civic-military dictatorship, the redemocratization of the Brazilian State and the AIDS epidemic. At this social juncture, Leila Míccoles and Herbert Daniel co-authored a text entitled *Jacarés e Lobisomens: um ensaio sobre a homossexualidade* (1983), which debates, as the subtitle suggests, gender and sexuality issues. In this article, we are interested in presenting an analytical examination of the first essay of the cited work, with the aim of problematizing how Herbert Daniel discusses homosexuality in times of authoritarianism, prejudice and social stigmas in the face of AIDS. As a result, we note that Herbert Daniel brings a set of reflections that start from his own life as a homosexual. Moreover, the novelist does not seek to theorize – or present himself as a theorist – homosexuality, since he abandons scientific and epistemological discourses, giving greater importance to his personal experiences and reflections.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Homossexualidade. Herbert Daniel. *Jacarés e Lobisomens*.

**Keywords:** Homosexuality. Herbert Daniel. *Jacarés e Lobisomens*.

---

## Texto integral

---

### Introdução

Nascido em Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, Herbert Daniel foi um romancista, ensaísta, ativista político e intelectual brasileiro, tendo se destacado pela combativa atuação na luta pela democracia durante o período em que se instaurou o regime ditatorial cívico-militar no Brasil, entre os anos de 1964 e 1985. Foi durante a sua passagem pela Faculdade de Medicina da UFMG que Herbert se associou ao Movimento Estudantil e à esquerda armada que, naquele momento, se opuseram ao golpe cívico-militar em curso. Dentre os principais grupos de resistência dos quais o autor mineiro militou, encontram-se: POLOP (Política Operária), COLINA (Comandos de Libertação Nacional); VAR-Palmares (Vanguarda Popular Revolucionária - Palmares) e VPR (Vanguarda Popular Revolucionária).

Em função de sua rebeldia e resistência política, Herbert foi duramente perseguido pelas forças de segurança, fato que o obrigou a buscar exílio na Europa. Ao longo do período de tempo em que esteve entre França e Portugal, Daniel escreve, por exemplo, *Passagem para o próximo sonho*, romance publicado em 1982, pela editora Codecri. Muitas de suas obras absorvem o contexto histórico-político brasileiro, o ativismo em torno das questões de gênero, sexualidade, meio ambiente e o exílio. Sinhori (2013) afirma que o projeto de vida de Herbert dava ênfase ao político sem expor, necessariamente, a sua homossexualidade, uma vez que “virou guerrilheiro sendo homossexual, sequestrou embaixadores sendo

homossexual, liderou uma das organizações de esquerda mais radicais sendo homossexual, porém enrustido, escondido” (SINHORI, 2013, p. 64). Pode-se dizer que o jovem mineiro vivenciou um movimento de clandestinidade sexual que chega ao fim quando conhece Cláudio Mesquita, o seu companheiro e sua grande paixão.

No Exílio, Herbert percebe certa resistência dos companheiros de luta armada em torno da discussão sobre gênero e sexualidade. Desse modo, Sinhori (2013) aborda os desafios vividos pelo escritor para colocar em debate a temática mencionada e o estigma que ele sofre em dois contextos: pelos grupos políticos de direita, que entendem a homossexualidade como uma imoralidade que coloca em risco os valores da dita família conservadora, mas também pela esquerda, que deslegitimava - ou pouco se comprometia com - as pautas da comunidade homossexual.

Entre turbulências e incertezas, em 1982, Herbert chega ao Brasil e vive um período bastante produtivo, tendo lançado as seguintes obras: *Fêmea sintética* (1983); *Jacarés e Lobisomens*: dois ensaios sobre a homossexualidade (1983), *Meu corpo daria um romance*: uma narrativa desarmada (1984) e *Três moças de sabonetes*: uma apologia sobre os anos Médici (1984). Ganha relevância a intelectualidade e criatividade de um autor que em três anos chegou a publicar cinco obras, o que revela também um desejo de falar e de ser ouvido, face a tantos impedimentos causados pela censura militar.

Durante os anos 80, assim como outros autores, a exemplo de Caio Fernando Abreu, o romancista mineiro também passou pela chamada epidemia de AIDS. Marca-se o surgimento de uma doença desconhecida pela medicina e pela sociedade, caracterizada por um pânico generalizado e pela alta taxa de mortalidade, resultando na ideia de que ser soropositivo implicava em uma sentença de morte, seja ela biológica ou social. Além disso, é importante recordar que a AIDS foi - e ainda é - erroneamente associada à comunidade LGBT, mais especificamente aos homens gays, cujo contexto de estigmatização e de preconceitos aos homossexuais também é descrito nas inúmeras obras publicadas por Herbert.

Em um cenário de desinformação, o autor se torna uma das principais vozes nacionais a reivindicar os direitos das pessoas positivadas para AIDS e ajuda a fundar a Associação Brasileira Interdisciplinar de AIDS, tendo relançado obras importantes, como *Vida antes da morte* (2018) e *AIDS: a terceira epidemia* (2018), este último em coautoria com Richard Parker. Também contribuiu com a fundação do Grupo pela Valorização, Integração e Dignidade do Doente de AIDS.

Embora seja uma voz de referência, a narrativa de Herbert Daniel ainda é relativamente pouco explorada no âmbito da crítica literária, fato reforçado por James Green (2018, p. 319) quando afirma que “a produção literária de Daniel é praticamente desconhecida para a geração atual de ativistas brasileiros pelas causas das pessoas LGBT e das pessoas portadoras de HIV/AIDS”. Em nosso país, como exceção, títulos do seu projeto criativo são abordados nas dissertações de Martins (2009); Piotrovski (2012); Sinhori (2013); Pereira (2013) e nas teses de Silva (2016) e Costa Junior (2020).

Com a intenção de ajudar a preencher lacunas críticas em torno da narrativa de Daniel, neste artigo, apresentamos uma leitura da primeira parte de *Jacarés e*

*Lobisomens*: dois ensaios sobre a homossexualidade (1983), assinada por Herbert Daniel. Para tanto, o manuscrito inicia-se com uma introdução e em seguida, na nota de entrada, discorreremos acerca da apresentação do *corpus*, intitulada “Intróito ou Pro-Nomes Pessoais”, sob a qual é possível visualizar um ativismo de Míccolis e Herbert por uma autoafirmação coletiva enquanto homossexuais. Posteriormente, nos centraremos na primeira parte do ensaio, nomeada “Os anjos do sexo” e traçamos algumas análises sobre o modo como Herbert Daniel interpretava – e vivia – a homossexualidade. Finalizamos, portanto, com as conclusões e as referências citadas.

#### **NOTA DE ENTRADA: SOBRE SER E VIVER A HOMOSSEXUALIDADE**

Ninguém precisa pedir desculpas pela própria sexualidade; precisa fundamentalmente livrar-se de uma culpa imobilizadora. Coragem mesmo é preciso para amar a vida com todo o seu cortejo de disparidades (MÍCCOLIS; DANIEL, 1983, p. 11).

*Jacarés e Lobisomens*, obra escrita por Leila Míccolis e Herbert Daniel, inicia-se com um texto de entrada intitulado “Intróito ou Pro-Nomes Pessoais”, o qual se constrói a partir de um relato pessoal dos dois autores que, publicamente, se apresentam como homossexuais. O termo “Pro-Nomes Pessoais” é uma referência direta à categoria linguística dos pronomes pessoais, os quais associam-se a uma pessoa gramatical particular e denotam a pessoalidade do discurso citado. O texto em questão é marcado pelo uso da primeira pessoa, sobretudo no plural, o que implica considerar um conjunto de vivências e experiências dos dois pensadores, afastando-se do discurso acadêmico. Eles, inclusive, advertem: “interessamo-nos, esforçamo-nos, divertimo-nos produzindo um discurso distante do acadêmico” (MÍCCOLIS; DANIEL, 1983, p. 11). De modo informal e, muitas vezes, ácido, o primeiro parágrafo desta seção inicia-se da seguinte forma:

Somos, Leila e Daniel, dois na intersecção nas paralelas de nossas vidas e trabalho. Ambos somos baixinhos, teimosos, falantes, equilibristas de palavras, vaidosos e mútuos-admiradores (para quem não desconfia, é fabuloso amar o camarada de ofício). Também *somos*. O que justifica nossos presentes ensaios; como tem justificado, pela vida, pseudônimos, adjetivos e epítetos que nunca chegaram a nos transmutar em jacaré e lobisomem. Somos corpos e (como cada corpo) sexos diferentes, que nos explicitamos a urgência de derrotar as maneiras usuais das corporificações do conformismo (MÍCCOLIS; DANIEL, 1983, p. 09).

A apresentação da obra em estudo é marcada, como dito anteriormente, pelo uso da primeira pessoa do plural, constituindo a voz autoral e dialógica de Leila Míccolis e Herbert Daniel. É interessante notar uma intertextualidade neste parágrafo de abertura da narrativa a partir da recorrência da palavra *somos* que, inicialmente, aparece como referência direta à Leila e Herbert e, em seguida, é grafada em itálico, o que pode ser uma menção ao *Somos: Grupo de Afirmação Homossexual*, fundado em 1978, sendo considerado o primeiro coletivo brasileiro de defesa dos direitos da população gay no Brasil. O uso do plural também é

justificado como “a pessoalidade que nos iguala na diferenciação absoluta” (MICCOLIS; DANIEL, 1983, p. 10), o que significa reconhecer que há, na construção coletiva da obra, um sentimento de igualdade e empatia em torno da (homo)sexualidade entre os dois autores.

Nesta apresentação, Míccolis e Daniel (1983, p. 11) enfatizam que os ensaios por eles publicados não podem ser entendidos como um “catecismo sexual que venha a substituir o calendário da genitália canônica”, corroborando a ideia de que não buscam teorizar a homossexualidade, mas VER (com o verbo escrito em letras maiúsculas): “VER - não só a opressão, mas as invenções dos oprimidos. VER - não só a defesa dos direitos, mas as razões do direito do oprimido ao ataque” (MÍCCOLIS; DANIEL, 1983, p. 11). Portanto, como expresse, uma chave de leitura para os ensaios publicados por Míccolis e Daniel, encontra-se na intenção dos dois autores em debater a homossexualidade a partir das suas vivências e experiências pessoais e coletivas em uma sociedade extremamente homofóbica, como forma de ativismo e de defesa dos direitos da comunidade gay.

## **A HOMOSSEXUALIDADE PARA HERBERT DANIEL: ENTRE VIVÊNCIAS E EXPERIÊNCIAS**

Assinado por Herbert Daniel, o ensaio intitulado “Os anjos do sexo” é subdividido em quatro seções que se complementam denominadas, respectivamente, como: i. Grafias Bio-De/Gradáveis ou/A ou/Sa; ii. Crônica; iii. Notas marginais e iv: Sexão da revolução, as quais trazem elementos autobiográficos da vida do romancista e revelam vivências e experiências homossexuais.

Algumas das memórias narradas estão ambientadas no carnaval de 1982, comemoração popular conhecida como “a festa da carne” a qual, para os católicos, marca o início da abstinência de carne vermelha requerida pela quaresma, a partir da quarta-feira de cinzas, sendo este o primeiro carnaval vivido pelo personagem após os sete anos em que esteve no exílio. Na Cinelândia, o personagem encontra travestis, como a “corpulenta Marilyn, formidável travesti, vestido elegantemente com um resplandecente rabo-de-peixe verde carregado de vidrilhos e pingentes” (MÍCCOLIS; DANIEL, 1983, p. 20) e diverte-se com as roupas de dois homens com quem se relaciona: “Paulo (meu namorado), com seu corpo de ginasta macho, estava mais ou menos lembrando um capoeirista, com peito nu e calça branca de cetim. Cláudio (meu companheiro-cônjuge), mas bandeira, de calção branco” (MÍCCOLIS; DANIEL, 1983, p. 22).

É importante dizer que alguns dos personagens citados integram a biografia de Daniel e aparecem em outras obras ficcionais do autor, a exemplo de *Meu corpo daria um romance*, de 1984, o que evidencia que parte do projeto criativo de Herbert Daniel ofusca as fronteiras entre a realidade e a ficção, construindo textos em que elementos da sua vida pessoal se mesclam à ficção. Em um cenário carnavalesco, ficcionaliza-se a cena subsequente:

Minha senhora, se Marilyn fosse seu filho, como é que a senhora reagiria? Pergunto para os pais que me leem, o que vale a mesma coisa. Para meus pais, não perguntei nada, mas respondi com algumas dúvidas que os entristeceram, sem que as minhas respostas aliviassem ou



tranquilizassem. Não se amputa o sonho de um de reproduzir no descendente a imagem linda que se fez para si, e não foi, mas projetou como hipótese no herdeiro.

Soube de pais que dizem:

Se meu filho fosse bicha, eu matava (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 23).

O narrador do ensaio, ao se imaginar perguntando para uma senhora qualquer como lidaria com a suposta descoberta da homossexualidade de um filho, encontra na resposta “se meu filho fosse bicha, eu matava” (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 23), como pode-se notar no trecho supracitado, a naturalização da violência contra sujeitos que destoam de uma heterossexualidade compulsória. Este caso também ilustra o modo como parte da sociedade brasileira da década dos anos 1980 entende a homossexualidade: como uma característica que deve ser eliminada do âmbito da vida pública. O referido diálogo é finalizado da seguinte forma:

Não precisa, meu senhor. Digo-vos, em verdade, que isso que chamais ser bicha é uma morte provisória, um ensinamento do inútil, uma transição para o estéril. Complicado? Não. Só quero dizer: ninguém é bicha, meu senhor, *aprende* a ser. E pode aprender de muitas formas, tanto quanto o senhor aprendeu a ser carrasco-de-viado. Ninguém nasce assim. Isso tudo, vítima ou carrasco, é papel aprendido, que não vem de geração: se assim NÃO se nasce, assim se pode morrer (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 23).

Não se pode ler *Jacarés e Lobisomens* (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984) sem considerar dois traços fundamentais: i. a temporalidade em que o texto foi publicado, ou seja, os anos 1984 e ii. que não se pode cobrar desses textos o amadurecimento teórico de questões de gênero e sexualidade da qual temos hoje, o que seria, de todo modo, um anacronismo teórico-cronológico. Portanto, a citação “só quero dizer: ninguém é bicha, meu senhor, *aprende* a ser” (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 23), não está sugerindo que se pode aprender a ser heterossexual ou gay<sup>1</sup>, mas sim que existe um conjunto de performances que, à medida que nos atravessam, vão compondo o dispositivo de gênero e sexualidade, a identidade e as subjetividades sexuais do sujeito. Em uma entrevista, a socióloga Berenice Bento respondeu à pergunta “Como o significado de corpo se articula com o de gênero?” com os termos abaixo:

Discutir gênero é transitar por um conjunto de teorias e de concepções e explicações sobre o que é ser masculino e feminino. Eu tenho uma filiação teórica que é vinculada aos estudos queer, que fala que o gênero, a masculinidade e a feminilidade não têm nada a ver com a estrutura biológica. Portanto, não tem a ver com a presença ou ausência de determinadas genitálias, determinadas características sexuais secundárias. Gênero está relacionado à performance, à prática e ao reconhecimento social. Para que eu

---

<sup>1</sup> Setores conservadores utilizam-se desse argumento para dizer que a homossexualidade é uma escolha e, por consequência, seria possível aprender – e escolher – ser heterossexual.

seja reconhecida socialmente como uma mulher, preciso desempenhar um conjunto de práticas, de performances que possibilitam esse reconhecimento (BENTO, 2017, p. 107).

Ao afirmar que é possível *aprender a ser bicha*, Herbert Daniel está em diálogo direto com o conceito de performance que opera as categorias de gênero e sexualidade à luz da teoria mencionada por Berenice Bento. Neste caso, o verbo *aprender* implica ponderar que as performances de masculinidade e feminilidade são as responsáveis pela construção de um sujeito hétero ou homossexual, e estas performances não são escolhidas aleatoriamente, mas fazem parte das subjetividades, das experiências de mundo e da forma como cada sujeito interage socialmente. Sobre um livro publicado quando do seu retorno do exílio ao Brasil, o autor relata:

Minha amiga Sheila me avisa, reclamando: “não se meta a compreender as mulheres. você não é”. Mas não quero “compreender” não. Quero compartilhar, por puro amor e por carência. Como homem, preciso delas, para aprender e desaprender o sexo do opressor: mesmo o da fêmea opressora (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 25).

O diálogo potencializa a ideia de que Herbert Daniel, através do seu projeto literário, mas também do modo como vivia em sociedade, performava traços que o aproximavam da feminilidade. Sua escrita foi entendida como uma tentativa de interpretar o universo feminino, o que ratifica o pensamento de que, nos termos de Herbert Daniel, é possível *aprender a ser bicha* e a ser mulher, por exemplo, pois são as performances que nos constituem que definem quem somos e não a estrutura biológica que cada corpo carrega. Nesse sentido, Berenice Bento (2017, p. 109) pontua que “quando você nasce já existe um conjunto de expectativas para um corpo que está na barriga da mulher, inclusive a grande expectativa em torno do sexo”. Por sua vez, para Sheila, a personagem da citação anterior, um homem não pode tentar compreender uma mulher, porque ele rompe com as expectativas geradas sobre o que é um homem e uma mulher, conforme defendido por Bento – através do conceito de performance de gênero – e executado por Herbert Daniel.

Outrossim, a fala de Sheila parece ser constitutiva de um binarismo de gênero que delimita quais as características comportamentais do ser homem e do ser mulher. A este respeito, o autor mineiro problematiza:

Qualquer “teoria” da sexualidade que parta da existência de uma bipartição entre sexos, que estabeleça entre si “relações”, comete um engano primário: a admissão dessa polaridade, exclusivamente biológica; uma “lógica biológica”, ou seja, uma fantástica e suposta “natureza” determinando a relação social. A hipótese de uma repartição mínima do humano entre dois eixos não nos leva senão a becos sem saída. Isso evidencia-se, por exemplo, quando as “perversões” devem ser analisadas (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 32).

Na citação em destaque, sinaliza-se a impossibilidade de um pensamento, até mesmo de natureza teórico, sobre gênero e sexualidade que resulte de uma divisão dos papéis sociais atribuídos a homens e mulheres através do determinismo biológico. Neste sentido, Herbert Daniel defende a tese de que homens não precisam se identificar com atividades tipicamente masculinas, como jogar futebol e, que mulheres, por outro lado, não precisam ter apreço a atividades tipicamente femininas, como cuidar dos filhos e dos afazeres domésticos. O autor também advoga que:

A bicha é, no fundo, uma imitação. Uma imitação da fêmea. A definição da “bicha” parte de uma localização precisa do individual no “ato sexual”, considerado como “relação entre dois sexos”. Ora, como se trata de um indivíduo *masculino* que executa um papel *feminino*, o deslocamento da função é a origem do riso. É muito gozado um homem que ocupa um lugar da mulher. O caso inverso é menos engraçado, o que faz do lesbianismo menos rico em piadas (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 33 *grifos dos dois autores*).

Segundo o escritor, o sujeito gay é considerado uma imitação da mulher justamente pelo fato de que ele performa traços que o aproximam da feminilidade, principalmente no ato sexual. Há, ainda, uma explicação sobre a diferença entre discursos preconceituosos direcionados aos homens gays e às mulheres lésbicas. No primeiro caso, é jocoso que um homem execute performances femininas, enquanto que no momento em que uma mulher performa traços masculinos há a intenção de se aproximar de um universo socialmente aceito e respeitado, ou seja, o masculino. Portanto, infere-se que o problema não é, necessariamente, a homossexualidade em si, mas sim um conjunto de performances de homens que se identificam com o feminino. Considerando o exposto:

A bicha, no seu estereótipo, como imitação acabada da fêmea, vai deslizar para ocupar uma ausência nítida ainda na piada: a ausência (recusa) da Mulher. Evidentemente, o respeitável Cidadão não tem sexo. Tanto poderia ser Macho como Fêmea (a estória poderia ser contada com uma beata, que acabasse de sair da missa). Como veremos, a característica do respeitável cidadão é a sua “indiferenciação”. Mas, beata ou burocrata, tanto faz. A ausência continua (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 33).

Conforme mencionado anteriormente, Herbert Daniel caracteriza o sujeito gay como a imitação de uma mulher a partir da performance feminina. Ademais, o autor resume dois traços presentes na identidade homossexual. Inicialmente, o escritor afirma que “a bicha é uma definição que parte do inexplicável incômodo dum “deslocamento” no espaço da sexualidade dual” (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 34), o que ressalta a ideia de que o homossexual surge no entrecruzamento de uma ruptura do binarismo de gênero operante. Em segundo lugar, “a bicha é um aprendizado de um novo nome. Não apenas um adjetivo ao nome original, mas um substituto constituidor” (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 35), o que significa dizer que este novo nome desconfigura a gramática conservadora de gênero e sexualidade,



para a qual é preciso reconhecer a existência de sujeitos gays. Neste contexto, Herbert Daniel entende a homossexualidade como uma opção<sup>2</sup>. Nas suas palavras:



Pode-se dizer que ser “homossexual” é uma opção. Tanto quanto ser “heterossexual” ou “bissexual”. Como compreender essa opção homossexual? Uma opção é um ato de vontade. O que não significa que um homossexual tenha “escolhas” entre desejar ou não. Neste ato de vontade homossexual não há nada de “livre arbítrio”, de vontade nasce duma consciência (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 50).

Herbert Daniel, ao associar a homossexualidade a uma opção, não está dizendo que se pode optar por ser hétero ou homossexual, mas está problematizando a homossexualidade, semelhante a heterossexualidade, como uma pulsão, um ato de vontade. Essa perspectiva é nítida no momento em que afirma que o homossexual não pode escolher desejar ou não outro homem, por isso o autor também sustenta que “a homossexualidade é uma forma de viver o desejo em geral” (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 51).

## CONCLUSÕES

Neste artigo, realizamos uma análise da primeira parte da obra *Jacarés e Lobisomens*: dois ensaios sobre a homossexualidade, de autoria de Herbert Daniel, com vistas a compreender de que forma o escritor mineiro, de modo particular, caracteriza a homossexualidade a partir das suas vivências individuais.

Em um primeiro momento, o texto mostra uma naturalização da violência contra homossexuais no Brasil dos anos 1970-1980, o que é resultado da institucionalização da homofobia e da negação da existência do sujeito gay. Em seguida, através das citações comentadas, oriundas do ensaio “Os anjos do sexo”, escrito por Daniel, notamos uma autoafirmação do escritor como homossexual, associando a homossexualidade a uma pauta política que defende a existência desses corpos.

É preciso dizer, ainda, que o ensaio em avaliação, não se constitui como uma teorização sobre a homossexualidade, afinal de contas “constatando que a homossexualidade “não é explicável”, estamos afirmando que qualquer “teorização” sobre a sexualidade é uma forma de vivê-la. Sempre será mais do que uma ‘análise’. Será uma postura (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 52), o que nos permite dizer que há um ofuscamento entre vida autoral e escritura nas obras de Herbert Daniel, provocado pela diluição das fronteiras entre a realidade e a ficção.

Por fim, mas não menos importante, Herbert Daniel também associa os preconceitos aos homossexuais como uma invenção do capitalismo, pois a “violência contra todos se localiza sob a forma de repressão contra um grupo – minoritário – de “anormais” (MÍCCOLIS; DANIEL, 1984, p. 55). Desse modo, o ensaio escrito por Daniel não trata da sexualidade como um traço isolado do

---

<sup>2</sup> O termo *opção sexual* foi amplamente discutido nos últimos anos, sendo substituído por *orientação sexual*.

contexto social, mas sugere a homossexualidade como uma contrarresposta a um projeto de poder colonial e neoliberal.

---

## Referências

---

- ALÓS, A. P. O corpo-guerrilheiro no corpo-nação: contaminação e abjeção em Herbert Daniel. *Letras: Santa Maria*, v. 30, n. 61, p. 207-229, 2020.
- BENTO, B. *Transvi@dos: gênero, sexualidade e direitos humanos*. Salvador: EdUFBA, 2017.
- COSTA JUNIOR, J. V. L. da *Homossexualidade e Autoritarismo: uma leitura de Herbert Daniel, Osvaldo Bazán e Pedro Lemebel*. 2020. 178 f. (Doutorado em Letras) - Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Pau dos Ferros, 2020.
- DANIEL, Herbert. *Meu corpo daria um romance*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- DANIEL, Herbert. *Passagem para o próximo sonho*. Rio de Janeiro: Codecri, 1982.
- DANIEL, Herbert. *Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1987.
- DANIEL, Herbert. *Vida antes da morte*. 2. ed. ABIA: Rio de Janeiro, 2018.
- DANIEL, Herbert. *AIDS, a terceira epidemia*. 2.ed. ABIA: Rio de Janeiro, 2018.
- GREEN, J. N. *Revolucionário e gay: a extraordinária vida de Herbert Daniel – pioneiro na luta pela democracia, diversidade e inclusão*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.
- QUINALHA, R. *Contra a moral e os bons costumes* (Coleção arquivos da repressão no Brasil). São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- MARTINS, A. C. B. *Aids, vida e morte no romance Alegres e irresponsáveis abacaxis americanos, de Herbert Daniel*. 2009. 161 f. (Mestrado em Letras) - Centro de Ensino Superior de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2009.
- MÍCCOLIS, L; DANIEL, H. *Jacarés e Lobisomens: dois ensaios sobre a homossexualidade*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.
- NUNES, A. Sobre coisas que podem ser fantásticas vistas da beirada do passeio: Herbert Daniel, revolucionário e gay. v. 2. *REVISTA PERIÓDICUS*, 2021. p. 287-291.
- SINHORI, J.. *Narrativas armadas: a guerrilha urbana nos testemunhos de Alex Polari e Herbert Daniel*. 2013. 100 f. (Mestrado em História Social) – Universidade do Estado de Londrina, Londrina. 2013.
- SILVA, L. S. *A ficção do Eu e o Outro na literatura da Homossexualidade*. 2016. 215 f. (Doutorado em Letras) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.
- PEREIRA, R. M. *Herbert Daniel e suas escrituras de memória: exercícios autobiográficos e traços estéticos de uma existência (1967-1984)*. 2013. 144 f. (Mestrado em História) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

PEREIRA, J. L. S. Uma escrita biográfica apaixonada. Florianópolis: *Revista Estudos Feministas*, 2019.

PEREIRA, A. B. N. O exílio dentro do exílio de Herbert Daniel - um exemplo da homofobia presente na esquerda revolucionária brasileira. v. 5. *Revista Discente Ofícios de Clio*, 2020. p. 487-493.

PIOTROVSKI, C. J. *A trajetória soropositiva de Herbert Daniel (1989-1992)*. 2012. 136 f. Dissertação (Mestrado em História das Ciências e da Saúde)- Casa de Oswaldo Cruz - Fiocruz, 2012.

---

### Para citar este artigo

---

COSTA JUNIOR, José Veranildo Lopes da; SILVA JUNIOR, Reinaldo Luiz da Homossexualidade em Herbert Daniel: uma leitura de *Jacarés e Lobisomens*. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 3, p. 860-870, set.-dez. 2022.

---

### Os Autores

---

**José Veranildo Lopes da Costa Junior** é doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Atualmente, é Professor Adjunto I do Departamento de Letras da Universidade Federal da Paraíba (Campus Litoral Norte) e Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: [jveranildo@hotmail.com](mailto:jveranildo@hotmail.com); ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2400-8715>

**Reinaldo Luiz da Silva Junior** é graduando em Letras Língua Portuguesa na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). E-mail: [reinaldo.luiz.junior@gmail.com](mailto:reinaldo.luiz.junior@gmail.com); ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7440-8920>